

Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite sul-americano

Between amateurism, professionalization and dual career in women's futsal

MARTINS MZ, REIS HHB, CASTELLANI RM, SANTANA WC, ALTMANN H.
Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite sul-americano. **R. bras. Ci. e Mov** 2018;26(1):143-155.

RESUMO: Este artigo exploratório analisou a carreira esportiva de jogadoras de futsal das seleções sul-americanas, a partir de indicadores referentes à idade de início da prática do futsal, local onde se deu essa iniciação, quem as incentivou a praticar, a idade da primeira participação em campeonatos, a frequência semanal de treinos e dedicação atual ao futsal. A fim de traçar esse panorama da excelência da modalidade no continente, realizou-se um survey com as atletas das seleções de futsal feminina sul-americanas que disputaram o Campeonato Sul Americano de Futsal, de 2009, excetuando a brasileira. Buscou-se, baseado nesses indicadores, a construção de um primeiro panorama da realidade da carreira do futsal de mulheres de alto rendimento da América do Sul, bem como indicar alguns elementos predominantes nela. Este panorama indicou um contexto paradoxal, com condições de envolvimento na base em clubes e escolas, com apoio dos pais e familiares, mas marcado pela ausência de participação em competições. A maior parte das atletas não recebe remuneração para jogar e boa parte não se dedica exclusivamente àquela, exercendo outras atividades. Consequentemente, a frequência semanal de treinos pode ser considerada baixa. Nesse sentido, o futsal feminino sul-americano, ainda apresenta uma carreira de elite pouco estruturada e amadora.

Palavras-chave: Futsal; Feminino; Carreira esportiva; Performance esportiva.

ABSTRACT: The exploratory study aimed to analyse the athletic career of South American female futsal players. In order to that, we conducted a survey with players from all selection teams from the South American Championship, in exception to Brazilian one. Results showed a paradoxal context, in which the primary introduction to futsal occurred at the sports club, a structured place, but without sports competitions, to promote a development of the talent. It was also found that the majority began and first competed in futsal during adolescence, and their family members were their main motivators. Currently, the major portion of female futsal players do not receive salary to dedicate themselves to sport, hence, they are not exclusively dedicated to the sport, also participating in other job activities. Consequently, the frequency of weekly trainings can be considered low. Therefore, female south American futsal, still presents an athletic career low structured and amateur, even in elite levels.

Key Words: Athletic career; Futsal; Female; Sports performance.

Mariana Zuaneti Martins¹
Heloisa H. B. dos Reis²
Rafael Moreno Castellani³
Wilton Carlos Santana⁴
Helena Altmann²

¹Universidade Federal do Espírito Santo

²Universidade Estadual de Campinas

³Universidade de São Paulo

⁴Universidade Estadual de Londrina

Introdução

A análise da formação e da carreira esportiva constitui um campo fértil para a investigação dos elementos predominantes na trajetória de atletas de elite de uma modalidade esportiva. Este artigo trata desse processo de formação esportiva que circunscreve a carreira da atleta de futsal sul-americana, sob o ponto de vista não de seus processos técnico-táticos ou morfológicos, mas dos processos de transição e estruturais para se atingir excelência.

O conceito de carreira esportiva de um atleta é entendido por Stambulova e colaboradores¹ como “uma atividade esportiva desenvolvida em muitos anos, escolhida voluntariamente por uma pessoa e voltada para atingir seu pico de performance atlético em uma ou diversas modalidades esportivas” (p. 39, tradução nossa). Esta concepção foi desenvolvida tendo em vista a importância de enfatizar aspectos até então não valorizados, como a escolha individual para tornar-se atleta, o compromisso de muitos anos para isso acontecer e a possibilidade também de se especializar em mais de um esporte ao longo da carreira².

Um atleta pode ter uma carreira com status de amador ou profissional – status este que pode, também, ser alterado no decurso de seu desenvolvimento. Atletas amadores de níveis internacionais e os atletas profissionais são considerados de elite. O termo elite, em nossa acepção, serve para designar os atletas que viveram experiências de representação de seus países em grandes competições internacionais³ ou que atingiram uma carreira profissional⁴. Essa concepção traz duas consequências: que não é o local de treino ou time no qual o atleta está inserido que o faz de elite e que a carreira esportiva, mesmo em nível de elite, não constitui necessariamente uma profissão¹.

Segundo Stambulova e colaboradores¹, a partir de 1980, a carreira esportiva atleta passou a ser estudada levando em consideração suas transições e, sobretudo, como um processo de enfrentamento (um *coping*) que acarretaria resultados tanto negativos quanto potencialmente positivos. Estes estudos também deixaram de focar apenas no momento da aposentadoria dos atletas para abordar a carreira de forma mais ampla, pensada a partir de seus diferentes estágios e as suas respectivas transições.

A carreira de jogadoras de futsal tem sido abordada de múltiplas formas. Algumas publicações recentes têm destacado, por exemplo, o comportamento tático-técnico de equipes de alto rendimento em realidade competitiva⁵⁻⁹; indicadores acerca de lesões esportivas^{10,11}, somatotipia das atletas¹² e treinamento proprioceptivo¹³. Além destes, há ainda alguns estudos com cunho sociocultural, tratando de questões como relações de gênero¹⁴; trajetória das jogadoras¹⁵⁻¹⁷ e a influência do suporte parental no desenvolvimento das atletas¹⁸. Estes últimos estudos demonstram que é uma tendência refletir sobre outros processos, como o desenvolvimento ou formação de talentos, mudando a ênfase anterior, que se depositava sobre as características inatas. Aparecem alguns modelos de formação e desenvolvimento de talentos entre as décadas de 1980 e 1990. O primeiro deles é o de Bloom², que considera três estágios do desenvolvimento do talento (iniciação, especialização e investimento). Em seguida, Ericsson¹⁹ menciona dez anos para atingir um nível de excelência no esporte. Estes dois modelos pensam a forma como o desenvolvimento do talento ocorre concomitante ao desenvolvimento da carreira. Estes modelos também permitem pensar os diferentes estágios de uma carreira esportiva: a iniciação diversificada; o desenvolvimento e especialização; o aperfeiçoamento e investimento em atingir o pico e a excelência; os anos de manutenção do desempenho; e, por fim, anos de destreinamento e descontinuidade do envolvimento competitivo. Segundo Stambulova e colaboradores ainda, estudos *cross*-culturais têm demonstrado que mulheres costumam se especializar, atingir o pico e terminar a carreira antes dos homens em muitos esportes¹.

Estes modelos de desenvolvimento e de carreira esportiva, portanto, permitiram um enfoque analítico para além das transições técnico-táticas na formação de uma atleta. Ampliando o olhar, tais modelos preferem tratar o desenvolvimento do ser humano que pratica esportes de forma holística, incluindo as outras esferas que também influenciam este processo. Por isso, considera também os âmbitos psicológico, social e educacional e dá importância aos fatores contextuais e culturais desse processo, de modo a afirmar que o modelo não deve ser compreendido como universal, mas parte de

um processo cultural local²⁰.

Diante dessas formas de análise, buscamos um estudo do contexto da América do Sul do futsal de mulheres. Este estudo procura retratar elementos da carreira de futsal de jogadoras de elite sul-americanas participantes do III Campeonato Sul-Americano de futsal feminino realizado no Brasil, em 2009, na cidade de Campinas. Nosso estudo envolveu as seleções da Bolívia, Peru, Argentina, Colômbia, Uruguai e Venezuela¹. Tal perspectiva se fundamenta na ideia de que o estudo da carreira esportiva deve levar em consideração as culturas locais, a fim de não promover um modelo universal que não representa as realidades locais. Os estudos, em geral, são muito concentrados nos países do hemisfério norte. São poucos aqueles do hemisfério sul, sobretudo da América do Sul.

Além disso, o futsal de mulheres de elite na América do Sul está crescendo. Com uma história marcada por preconceitos, dificuldades, falta de apoio e de incentivo^{14,17,21}, o futsal feminino vem recentemente ganhando espaço na mídia, nos calendários esportivos nacionais e internacionais e se fortalece ano a ano com mais realizações de competições e uma estrutura mais apropriada para o seu desenvolvimento²². Prova disso é a consecução, desde 2005, do Campeonato Sul-Americano de Seleções e, desde 2010, do Torneio Mundial.

Esse novo calendário internacional de competições do futsal feminino vai ao encontro daquilo que Teixeira e Caminha²³ identificaram como “movimento de emancipação feminina”, o qual, tem se traduzido pelo aumento da participação de mulheres em modalidades esportivas tradicionalmente associadas à virilidade e ao esforço físico masculino, como o futsal. Essa participação, segundo os autores, é impulsionada pela realização de competições internacionais.

Diante deste contexto, este artigo analisou a carreira esportiva de jogadoras de futsal das seleções sul-americanas. A carreira esportiva foi abordada com base em indicadores referentes à idade de início da prática do futsal, local onde se deu essa iniciação, quem as incentivou a praticar, a idade da primeira participação em campeonatos, a frequência semanal de treinos e a dedicação atual ao futsal. Busca-se, baseado nesses indicadores, a construção de um primeiro panorama da realidade da carreira de mulheres da elite do futsal da América do Sul, bem como indicar alguns elementos predominantes nela.

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa exploratória, que busca uma aproximação com o contexto da formação e carreira esportiva do futsal de mulheres de elite sul-americano, de natureza transversal²⁴.

Participantes

Responderam ao questionário 69 jogadoras de futsal feminino, com média de idade de $23,75 \pm 3,93$ anos integrantes de suas seleções nacionais (Bolívia, Peru, Uruguai, Colômbia, Argentina e Venezuela), participantes do III Campeonato Sul-Americano de Futsal Feminino realizado na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil, no ano de 2009².

Tabela 1. Média de idade por países da América do Sul.

	Bolívia	Venezuela	Argentina	Colômbia	Uruguai	Peru
Média	25±4,22	23±3,58	22±1,83	25±4,20	25±5,66	24±3,36

As participantes da pesquisa constituem toda a população das atletas de futsal das seleções que disputaram o campeonato, com exceção da brasileira, conforme descrito anteriormente. A não necessidade de uma amostra nos confere

¹ De peculiar neste estudo, é o fato de esses indicadores não advirem de jogadoras brasileiras, atuais pentacampeãs do Torneio Mundial e tetracampeãs do Sul-americano de Seleções, tidas como as que mais recebem apoio físico e financeiro para a prática dessa modalidade¹⁵

² Foram entrevistadas todas as seleções presentes, com exceção da brasileira. Participaram 12 atletas da Bolívia, 9 do Peru, 11 do Uruguai, 13 da Colômbia, 12 da Argentina e 12 da Venezuela.

uma vantagem estatística no que diz respeito à inferência dos resultados²⁵. Estas participantes revelaram o contexto do futsal de mulheres de elite da América do Sul.

Instrumento

Utilizamos um questionário autoadministrado composto de 17 questões abertas e fechadas. O instrumento foi de elaboração dos pesquisadores, validado internamente, por entrevistas pilotos, e externamente, por pesquisadores peritos na área de pedagogia do esporte³. Este instrumento possibilitou coletar informações de um volume grande de interlocutoras e sistematizá-las, procedimento este necessário para a construção de algumas generalizações²⁶.

Os questionários foram entregues às comissões técnicas que se responsabilizaram por encaminhar às atletas para que estas respondessem no momento mais oportuno. Ao término da competição, todos os questionários foram recolhidos e analisados conforme as categorias de interesse.

Análise de dados

A análise de dados foi realizada por meio da estatística descritiva, a partir do cálculo de medidas resumo de cada um dos índices analisados. As medidas-resumo foram calculadas, em primeiro momento, abarcando toda a população do estudo. Em segundo momento, optamos por calculá-las por seleção, a fim de demonstrar as discontinuidades entre os países da América do Sul. Segundo Morettin e Bussab²⁵ estas medidas nos auxiliam por gerar “um ou alguns valores que sejam *representativos* da série toda”. Estas medidas-resumo foram discutidas à luz das pesquisas da pedagogia do esporte e dos modelos de desenvolvimento de pessoas no esporte²⁷.

Procedimentos e cuidados éticos

O contato foi realizado diretamente entre duas pesquisadoras e as comissões técnicas das seleções. Neste, foram apresentados os objetivos da pesquisa, as necessidades metodológicas e as características do questionário. Após a confirmação de aceite da participação neste estudo, foi assinado por todas as participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido garantindo os cuidados éticos para realização desta pesquisa. O projeto recebeu parecer favorável (192/09) do “Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos na Universidade Estadual de Londrina/Hospital Regional Norte do Paraná”.

Resultados e discussão

Após análise das respostas obtidas nos questionários e elaboração das medidas resumos dos temas abordados, identificamos quatro pontos da carreira da atleta do futsal sul-americano: (1) local e idade do início da prática de futsal; (2) idade do início da prática sistemática e do investimento na especialização do futsal; (3) elementos psicossociais de apoio à prática do futsal; (4) elementos da dedicação ao treinamento e a carreira no estágio atual do futsal.

Do ponto de vista do início da carreira no futsal, exploramos três indicadores que seriam a idade da prática sistemática de futsal, o local onde ela se deu e a participação em competições esportivas nesta fase da carreira. A partir dos dados da tabela 2, constatou-se o contato na adolescência com a prática sistemática da modalidade esportiva, uma vez que a maior parte das jogadoras se iniciou entre 10 e 20 anos (76,8%). Cabe ainda destacar o fato de uma parcela delas terem apenas começado a se dedicar aos treinos na idade adulta (15,9%). De acordo com Côté²⁸, esta faixa etária compreende tanto as atletas em especialização quanto a de investimento. A fase de especialização, que compreende dos 13 aos 15 anos, coincide com os anos em que elas vão se deparar com uma modalidade esportiva específica em seu treinamento, cujo

3 As questões fechadas e suas respectivas alternativas de resposta eram: 1) Escolaridade: ensino primário, secundário, médio, técnico ou superior; 2) Local em que tomou contato com a prática de futsal: nas aulas de educação física na escola; clube, rua ou outro; 3) Teve incentivo para praticar futsal: sim ou não; 4) Recebe remuneração para jogar futsal: sim ou não; 5) Possui outra ocupação de trabalho além do futsal: sim ou não; 6) Foi vítima de preconceito no início da prática: sim ou não; 7) De quem: família, amigos, vizinhos, público em geral, namorado, outro; 8) Sofre preconceito hoje: sim ou não. As questões abertas eram: 1) nacionalidade; 2) Idade atual; 3) Idade em que começou a treinar futsal; 4) Idade em que disputou a primeira competição de futsal; 5) Quem incentivou a prática do futsal?; 6) Idade de constituição do vínculo federativo; 7) Local em que realiza os treinamentos atualmente; 8) Quantidade de dias que treina na semana; 9) Se tem outra ocupação, qual é ela?

enfoque será a do desenvolvimento de habilidades esportivas, mas sem perder de vista um envolvimento ainda baseado na diversão com o esporte. Já a fase de investimento, que acontece a partir dos 15 anos, em geral, coincide com a fase em que a jovem vai se comprometer com a busca de um nível de alto rendimento no esporte.

Tabela 2. Idades de início da prática habitual do futsal.

Faixas etárias	Frequência	Percentual	Percentual acumulado
Menos de 10 anos	7	10,1	10,1
10 - 15 anos	23	33,3	43,5
16 - 20 anos	30	43,5	87,0
21 anos ou mais	9	13,0	100,0
Total	69	100,0	
Idade média de início	16,49± 4,94		

Se por um lado os resultados retratam que as jogadoras de futsal sul-americanas se envolvem mais cedo na prática do futsal se comparados a países exponenciais no futebol de campo de mulheres, como os Estados Unidos e a Alemanha, que não expressam registros de treinamento de mulheres antes dos 15 anos de idade²⁹; por outro lado, quando comparados à realidade brasileira, o contrário ocorre. Afinal, verificou-se que elas se iniciam mais tarde do que as jogadoras brasileiras – que costumam ser campeãs dos torneios sul-americanos – cuja idade de envolvimento com a prática esportiva ocorre por volta dos 11± 3,59 anos³⁰. Nesse sentido, a realidade da iniciação do futsal de mulheres no continente americano é desigual. Aliás, quando observamos a idade de envolvimento com o treinamento sistemático em cada país, notamos uma desigualdade ainda mais acentuada, conforme é possível visualizar na tabela 3.

Tabela 3. Idade do início da prática sistemática de futsal por país.

	Bolívia (Frequência relativa, em %)	Venezuela (Frequência relativa, em %)	Argentina (Frequência relativa, em %)	Colômbia (Frequência relativa, em %)	Uruguai (Frequência relativa, em %)	Peru (Frequência relativa, em %)
Menos de						
10	8,3	25	0	23	0	0
11	8,3	0	0	0	0	0
12	16,7	8,3	0	15,4	0	0
13	0	16,7	0	7,7	0	0
14	25,0	16,7	8,3	7,7	0	0
15	16,7	8,3	16,7	7,7	0	11,1
16	8,3	0	8,3	0	9,1	0
Acima de						
16	16,7	25	66,7	38,5	90,9	88,9

Ter uma concentração significativa de jogadoras que iniciam a prática sistemática no futsal na América do Sul na faixa etária dos 12 a 16 anos parece ser uma condição promissora para o processo de formação de atletas quando se consideram os estágios de formação e de especialização esportiva, fundamentais para a ascensão ao estágio de alto desempenho³¹. Segundo Bompa, no final desse ciclo, os esportistas deveriam apresentar certa consistência na execução de habilidades técnico-táticas, conhecimento de estratégias e táticas, experiência competitiva e bom desempenho das capacidades condicionais exigidas na modalidade que treinam, facilitando competir no alto desempenho. Para Ré e Barbanti³², a metodologia do treino de esportistas de jogos esportivos coletivos nesse ciclo deveria estar voltada para o desenvolvi-

mento das capacidades coordenativas, exercitando as habilidades técnico-táticas de forma aberta, em contexto instável, priorizando, desse modo, a adaptabilidade dos gestos às demandas do ambiente e o desenvolvimento das capacidades perceptivo-cognitivas. O desenvolvimento direto das capacidades condicionais deveria ser o foco de treinamento no estágio de especialização e investimento, entre 14 e 16 anos, para atingir-se o pico de performance esportiva. No entanto, chama a atenção que no Peru e no Uruguai a quase totalidade destas seleções só tenha vindo a treinar futsal a partir dos 16 anos, o que pode indicar a ausência de categorias de base.

Quanto ao segundo indicador, que analisa o local de iniciação esportiva, verifica-se que o clube ocupa um lugar central, seguido da rua e da escola, conforme é possível vislumbrar na tabela 4. Esse dado é distinto do encontrado por Santana e Reis¹⁶, que reportaram, na realidade brasileira, a frequência maior de atletas adultas que iniciaram ao futsal na rua, seguida da escola e do clube. Embora o estudo de Altmann e Reis com estas mesmas seleções demonstre que as jogadoras sul-americanas destacam a falta de estrutura esportiva nos seus países, entendemos como positivo o fato de o clube ser o principal local de iniciação das atletas. Isso porque se subentende que os clubes se constituam em ambientes providos de infraestrutura (recursos humanos e físicos) mais adequada para a prática do futsal do que a rua, um ambiente informal. Em diversos contextos, ainda, é o clube sócio esportivo a célula do sistema de categoria de base e profissional de diversas modalidades esportivas³³. Isso parece ser paradoxal quando observamos o caso do Uruguai, que tem uma presença forte dos clubes como espaço de iniciação, que, no entanto, não se converte em um espaço para a ocorrência dos treinamentos sistemáticos, já que neste país esse processo se iniciará com as atletas apenas após os 16 anos, conforme é possível vislumbrar comparando as tabelas 3 e 5.

Tabela 4. Local de iniciação da prática do futsal.

Locais	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Escola (Aula de Ed. Física)	10	14,5	14,7	14,7
Clube	37	53,6	54,4	69,1
Rua	16	23,2	23,5	92,6
Outro	5	7,2	7,4	100,0
Total	68	98,6	100,0	
Não respondeu	1	1,4		
Total	69	100,0		

Não obstante, a conquista desse espaço socioeducativo significa uma conquista social para o gênero feminino, muitas vezes segregado quando se trata dos esportes coletivos jogados com os pés. Nesse sentido, a presença de clubes que forneçam treinamento a mulheres já representa um avanço se comparado ao contexto brasileiro do futsal¹⁶. Tal realidade é, no entanto, desigual quando observamos os países separadamente, de modo que o clube é um espaço significativo para a iniciação do futsal de mulheres, sobretudo, na Argentina e no Uruguai, seguido pelo Peru, conforme demonstramos na tabela 5. A rua aparece como espaço formador de mulheres no futsal apenas na Bolívia e na Venezuela, algo que as aproximaria da realidade brasileira.

Tabela 5. Local de início da prática de futsal em cada país sul-americano.

Local de Início	Bolívia	Venezuela	Argentina	Colômbia	Uruguai	Peru
	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)
Aulas de Ed. Física na escola	16,67	25,0	0,00	23,07	0,00	33,33

Clube	33,33	25,0	100,00	15,38	100,00	44,44
Rua	50,00	50,0	0,00	30,77	0,00	0,00
Outro	0,00	0,00	0,00	23,08	0,00	22,22
Não respondeu	0,00	0,00	0,00	7,70	0,00	0,00

Ainda que a escola e as aulas de educação física não possuam espaço de grande destaque na formação dessas atletas, somando-se estas ao clube, já que ambos constituem espaços de ensino formal e não formal, percebemos que 68,1% das atletas tiveram acesso ao futsal, em teoria, em ambientes adequados para o seu desenvolvimento na modalidade. Isso porque, estes espaços contam com a presença de um mediador no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do futsal, que os diferencia do ambiente da rua. Se por um lado, a rua permite diversas possibilidades lúdicas de apropriação à modalidade esportiva, por outro lado, a predominância dela no Brasil como ambiente formador de mulheres atletas também está relacionada à ausência de clubes e competições de categoria de base femininas, fator este que ficará mais evidente a seguir quando observarmos a idade média em que as atletas disputam sua primeira competição de futsal (tabelas 6 e 7), que em geral, é avançado, quando comparada ao masculino.

Tabela 6. Idade que disputou a primeira competição de futsal.

Faixas etárias	Frequência	Percentual	Percentual	Percentual
			válido	acumulado
menos de 10 anos	1	1,4	1,5	1,5
10 - 15 anos	19	27,5	28,4	29,9
16 - 20 anos	33	47,8	49,3	79,1
21 - 25 anos	11	15,9	16,4	95,5
26 anos ou mais	3	4,3	4,5	100,0
Total	67	97,1	100,0	
Não responderam	2	2,9		
Total	69	100,0		
Idade média da 1ª competição	17,97± 4			

Tabela 7. Idade em que disputou o primeiro campeonato em cada país sul-americano.

	Bolívia (Frequência relativa, em %)	Venezuela (Frequência relativa, em %)	Argentina (Frequência relativa, em %)	Colômbia (Frequência relativa, em %)	Uruguai (Frequência relativa, em %)	Peru (Frequência relativa, em %)
De 10 a 15 anos	33,3	58,8	8,3	53,9	9,1	0
De 16 a 18 anos	16,7	32,9	75	15,4	27,3	33,3
Acima de 19 anos	50,0	8,3	16,7	30,7	54,5	55,6
Não respondeu	0	0	0		9,1	11,1

A realidade dos anos de investimento esportivo no futsal feminino sul-americano torna-se preocupante para o desenvolvimento das atletas se considerarmos que 63,7% competiram pela primeira vez entre os 16 e os 25 anos. Isso pode acarretar uma lacuna quando se trata de experiência competitiva e de incremento do desempenho esportivo³⁴. Quando comparada à realidade brasileira atual, por exemplo, sabe-se que a participação em competições de futsal feminino tem se iniciado cada vez mais cedo, por volta dos 10, 11 anos²⁹ e que 72% das jogadoras juvenis de elite competiram futsal antes

dos 18 anos, tendo uma média de cinco campeonatos federados disputados³⁰. Esse estado tende a criar uma vantagem competitiva interessante para as atletas brasileiras de futsal, as quais têm condições de se aprimoraram técnico-taticamente e emocionalmente. Talvez isso explique porque as jogadoras sul-americanas expressaram ser a realidade brasileira a que melhor oferece condições de desenvolvimento para a formação em longo prazo de jogadoras de futsal¹⁵.

Além disso, a excelência esportiva é potencializada com ambientes específicos de aprendizagem, treino e competição³⁵. Esta última, em função do seu potencial educacional, quando tratada pedagogicamente, deveria acompanhar todo o processo de formação de jogadores^{31,36,37} e, quando aqueles atingissem um estado de prontidão esportiva, entre os 12 e os 14 anos, tornar-se mais organizada e exigente³⁸. Para Thiess e colaboradores³⁴, a presença da competição esportiva na fase de formação se constitui num meio decisivo para provar as possibilidades dos esportistas, colocando à prova seu potencial esportivo. Por isso, ela seria fundamental para preparar atletas para o estágio seguinte, de alto rendimento. Evidentemente, a participação ou não em competições numa idade adequada para tal depende da existência de um calendário competitivo organizado pela federação e confederação que organiza a modalidade esportiva³⁹. Nesse sentido, a não participação em competições no momento considerado adequado pela literatura pode estar relacionada à inexistência de competições de base da modalidade, fator este que parece até ser contraditório com o fato de existirem clubes que permitem que as mulheres treinem. Se estes clubes já existem e foram eles que propiciaram o contato com a modalidade, a questão seria apenas de organizar competições entre eles. Por isso, o olhar à carreira esportiva deve contemplar não apenas os elementos técnico-táticos, mas também analisar estes outros fatores que influenciam e podem ser cruciais para o desenvolvimento e a permanência na carreira esportiva²⁸.

Na esteira dessa reflexão, além do olhar às estruturas esportivas que se conjugam na formação destas atletas, cabe também a atenção aos elementos psicossociais, que geraram apoio ou barreiras à prática na modalidade. Este olhar está integrado a uma perspectiva holística de carreira esportiva, que compreende níveis como o técnico-tático, o treinador, o ambiente educacional e o ambiente psicossocial⁴⁰. Uma questão relevante destes elementos psicossociais é o apoio familiar¹⁸, que influencia tanto os momentos iniciais, como uma forma de encorajamento, quanto nos momentos de investimento e de pico da performance²⁸.

No caso dessas atletas de futsal, em 50,7% dos casos a família foi a incentivadora. Esse dado reforça outros estudos, nos quais a família é apontada como o principal agente incentivador da prática do futsal entre jogadoras e jogadores, conforme é possível visualizar na tabela 4^{16,41}. Já entre mulheres espanholas, dos 15 aos 64 anos, o incentivo maior para a prática esportiva é proveniente de melhores amigos, não sendo fornecido por familiares (pai e mãe)⁴². Estas diferenças demonstram o quanto o contexto social é variável e deve ser estudado, uma vez que ele influencia a permanência na prática esportiva.

Tabela 8. Principais agentes que incentivaram as atletas a praticarem futsal.

Agentes	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Amigos	9	13,0	19,1	19,1
Familiares	35	50,7	74,4	93,6
Técnico	3	4,3	6,4	100,0
Total	47	68,1	100,0	
Não tiveram incentivo	22	31,9		
Total	69	100,0		

O suporte familiar, caracterizado pelo conjunto variado de atitudes, crenças e comportamentos dos familiares que influenciam a prática esportiva da criança e do adolescente, foi diagnosticado por Vissoci *et al.*¹⁸ como altamente positivo em um grupo de atletas de futsal feminino. As atletas relataram um alto envolvimento dos pais, com ênfase em

um ambiente de suporte no lugar de rejeição e de favorecimento de autonomia, com presença de apoio afetivo e estrutural daqueles para a prática. Os pesquisadores concluíram que os pais possuem um convívio familiar bastante próximo e intenso com as filhas, favorecendo assim o bom desenvolvimento esportivo e pessoal das meninas.

Outro fator a ser observado que influencia a carreira esportiva é o acadêmico-vocacional, que trata do envolvimento do atleta com estudos ou com outra atividade de trabalho, quando o ciclo de estudos já se encerrou. Este nível influencia tanto ao obrigar o atleta a se dedicar a mais de uma atividade ao mesmo tempo, o que poderia gerar algum tipo de sobrecarga ou uma dedicação menor à carreira atlética, quanto pode possibilitar que o atleta passe por uma transição ao pós-carreira esportiva mais planejada e organizada. A tabela 10 demonstra que o caso do futsal feminino sul-americano, em que 40,57% das atletas exercem outras atividades além do futsal, é caracterizado por uma carreira dupla³. Esta situação, quando desdobrada por país, conforme a tabela 9, demonstra casos em que a ocorrência de carreiras duplas é mais saliente, como na Bolívia, Uruguai, Colômbia e Peru. Apenas na Venezuela e na Argentina mais de 60% das atletas se dedicam exclusivamente ao futsal.

Tabela 9. Dedicção Exclusiva ao futsal em cada país sul-americano.

	Bolívia	Venezuela	Argentina	Colômbia	Uruguai	Peru
Tem outra ocupação além do futsal?	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)	(Frequência relativa, em %)
Sim	75,00	16,67	33,33	46,15	54,55	44,44
Não	16,67	66,67	66,67	53,85	36,36	55,56
Não respondeu	8,33	16,66	0	0	9,09	0

Tabela 10. Tipos de ocupação profissional das atletas além da dedicação ao futsal.

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Trabalho ligado ao esporte	12	17,4	42,9	42,9
Trabalho independente do esporte	16	23,2	57,1	100,0
Total	28	40,6	100,0	
Dedicção Total:	41	59,4		
Total	69	100,0		

O modelo de carreira dupla, que é desenvolvido a partir da transição da categoria Junior para a adulta tem sido visto como promotor de benefícios nesse processo, uma vez que ajuda a balancear o estilo de vida, reduzir o estresse da competição, desenvolver habilidades em outras esferas da vida e permitir uma maior empregabilidade após o fim da carreira como atleta⁴³. Evidentemente que a carreira dupla pode gerar uma sobrecarga de trabalho, um *overtraining*, aumentar o risco de lesões e ocasionar um *dropout* prematuro, quando não bem balanceado⁴⁴. Por outro lado, para 17,4% das atletas que possuem uma ocupação relacionada ao esporte, a ocorrência da carreira dupla pode ser positivo, já que poderia signi-

ficar um equilíbrio das demandas dos dois espaço e uma possível reconversão no momento da aposentadoria⁴⁵.

Os estudos que consideram a carreira dupla como positiva para a transição e aposentadoria esportiva advertem, no entanto, que ela tem como obstáculo a quantidade de tempo de dedicação que atletas de elite precisam ter para atingir excelência, o que os deixam com pouco tempo para se dedicar a outras atividades. Em geral, gastam pelo menos de 20 a 30 horas por semana em treinamentos ou competições. Se gastarem cerca de 30 horas com o estudo, eles têm uma jornada de dedicação a essa carreira dupla de 50 a 60 horas, o que causa implicações em seus estilos de vida, gerenciamento do tempo e cria tensões entre ser atleta, ser estudante e ter uma vida social para além dessas duas atividades³. No contexto sul-americano, nota-se o inverso. Conforme a tabela 11, ainda é baixa a frequência de treinamento das atletas. Há ao menos 33,3% que não treinam sequer três vezes na semana.

Esta hipótese fica ainda mais forte quando olhamos para algumas seleções particularmente. Nota-se que, no Peru, 55% das atletas se dedicam exclusivamente ao futsal, percentual este que se repete quando observamos as atletas daquele país que se dedicam cinco vezes por semana aos treinamentos. No Uruguai e na Bolívia, que apresentam as maiores incidências de carreiras duplas, a dedicação aos treinamentos permanece, em geral, restrita a no máximo duas vezes por semana, o que indicaria uma concorrência entre as duas atividades. Na Venezuela, ainda, que cerca de 66% das atletas se dedicam exclusivamente ao futsal, o percentual de atletas que treina mais de quatro vezes ou mais na semana é de cerca 50%, sendo presente neste país a incidência de mulheres se dedicando diariamente aos treinamentos de futsal.

É plausível deduzir que esse cenário tende a afetar o desempenho das atletas e a eficiência do modelo de treinamento criado pelo técnico⁴⁶. Considerando a tabela 12 ainda, é possível vislumbrar que a dedicação a outra atividade não se constitui como uma opção da atleta, buscando planejar sua aposentadoria, uma vez que menos da metade delas relatou ser remunerada para jogar futsal. Nesse aspecto, a realidade dessas jogadoras se difere muito da de jogadoras brasileiras selecionáveis que, nesse momento da carreira, costumam usufruir de treinos diários e de recebimento de bolsas¹⁵.

Tabela 11. Frequência semanal de treinos das atletas.

Frequência semanal de treinos	Total (Frequência relativa, em %)	Bolívia (Frequência relativa, em %)	Venezuela (Frequência relativa, em %)	Argentina (Frequência relativa, em %)	Colômbia (Frequência relativa, em %)	Uruguai (Frequência relativa, em %)	Peru (Frequência relativa, em %)
Menos de uma vez	2,9	0	0	0	0	18	0
Uma vez	13,04	50	8,3	8,3	0,0	9	0
Duas vezes	14,50	8	0,0	8,3	7,7	64	0
Três vezes	27,54	17	33,3	58,3	30,8	0	22
Quatro vezes	7,25	17	16,7	0,0	7,7	0	0
Cinco vezes	18,84	0	8,3	25,0	30,8	0	56
Seis vezes	4,35	0	0,0	0,0	23,1	0	0
Sete vezes	4,35	0	25,0	0,0	0,0	0	0
Não respondeu	7,25	8	8,3	0,0	0,0	9	22

Tabela 12. Remuneração advinda da dedicação ao futsal.

Recebe remuneração para jogar futsal?	Total (Frequência relativa, em %)	Bolívia (Frequência relativa, em %)	Venezuela (Frequência relativa, em %)	Argentina (Frequência relativa, em %)	Colômbia (Frequência relativa, em %)	Uruguai (Frequência relativa, em %)	Peru (Frequência relativa, em %)
Sim	34,8	17	100	33	46	0	0
Não	65,2	83	0	67	54	100	100

Tais elementos combinados contribuem para a reflexão, em pesquisas futuras, sobre as determinantes da excelência esportiva, uma vez que, no referido campeonato em que a pesquisa foi realizada, ocuparam as primeiras quatro colocações a Colômbia, a Venezuela e o Peru, além do Brasil. Seleções estas que permitem que as atletas se dediquem aos treinamentos, possuindo competições de base, dedicação exclusiva ao futsal e uma frequência relativamente alta de treinamento semanal. Evidentemente, nossos dados ainda não nos permitem fazer esse tipo de afirmação, uma vez que nossa pesquisa foi apenas exploratória. Mas lançamos hipóteses que, em diálogo com a literatura, poderão ser averiguadas em outras investigações de maior densidade.

Considerações finais

A carreira esportiva de atletas de futsal ainda é um tema pouco explorado na América do Sul, de modo que esta pesquisa exploratória buscou uma aproximação inicial deste contexto da prática da modalidade. Ainda se fazem necessários outros estudos para conseguir construir um retrato mais detalhado das circunstâncias da carreira esportiva e da excelência no futsal sul-americano. Contudo, essa primeira exploração nos ajuda a construir um panorama sobre algumas etapas da carreira esportiva do futsal de mulheres e indica caminhos possíveis para futuras pesquisas.

O futsal feminino sul-americano, ao menos na primeira década deste século, vive seu mais bem sucedido momento histórico. Isso pode ser ratificado pelo aumento de competições nacionais e, sobretudo, internacionais, que impulsionaram essa modalidade esportiva. Tendo em vista este cenário, o presente artigo buscou retratar a carreira esportiva das atletas futsal de jogadoras sul-americanas de elite de seis países: Bolívia, Peru, Uruguai, Colômbia, Argentina e Venezuela, reportando que os familiares foram seus maiores incentivadores para iniciar no futsal; que esse início se deu no clube e na adolescência, quando, também, estas atletas competiram pela primeira vez nesse esporte.

A formação esportiva destas atletas se deu majoritariamente em espaços formais e não formais de treinamento, o que possibilitou, em teoria, maior acompanhamento e sistematização do processo, o que, no entanto, é paradoxal com o fato da não presença de competições esportivas de base que possibilitasse experiências importantes para seu desenvolvimento nas fases anteriores da carreira de elite. Quanto ao estágio atual da carreira esportiva destas jogadoras, percebeu-se que uma boa parte não se dedica exclusivamente àquela, exercendo outras atividades. Consequentemente, a quantidade semanal de treinos pode ser considerada baixa. Este cenário demonstra a situação da primeira década do século XXI do futsal feminino de elite na América do Sul que, mesmo sendo a década mais promissora desse esporte de mulheres, ainda tem apresentado uma carreira de elite para elas pouco estruturada e amadora.

Referências

1. Stambulova N, Alfermann D, Statler T, CôTé J. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. *Int J Sport Exerc Psychol.* 2009; 7(4): 395-412.
2. Bloom BS. *Developing talent in young people.* Nova Iorque: Ballantine Books; 1985.
3. Aquilina D. A Study of the Relationship Between Elite Athletes' Educational Development and Sporting Performance. *Int J Hist Sport.* 1 de fevereiro de 2013; 30(4): 374-92.
4. Baillie P, Ogilvie B. Working With Elite Athletes. In: *Exploring sport and exercise psychology.* 2002
5. Fukuda JPS, Istchuk LL, de Santana WC. Análise do contra-ataque no futsal feminino de alto rendimento. *Conexões.* 2013; 11(4): 90-99.
6. Istchuk LL, de Santana WC, Gonçalves HR. Relação entre o setor da quadra e o desfecho do contra-ataque no futsal feminino de alto rendimento. *Educ FÍSICA.* 443.
7. Istchuk LL, de Santana WC. Futsal feminino de alto rendimento: comportamento tático-técnico da transição defensiva. *RBBF-Rev Bras Futsal E Futeb [Online].* 2012; 4(14).
8. Santana WC, Laudari BA, Istchuk LL, Arruda FM. análise dos gols em jogos de futsal feminino de alto rendimento. *Rev Bras Ciênc E Mov.* 2013; 21(4): 157-165.
9. Santana WC, Vacario EA. Análise de faltas com barreira em jogos de futsal feminino de alto rendimento. *Pensar Prática.* 2012; 15(3).

10. Gayardo A, Matana SB, Silva MR. Prevalence of injuries in female athletes of Brazilian futsal: a retrospective study. *Rev Bras Med Esporte*. 2012; 18(3): 186-189.
11. Silva FM, Silva G, Menezes JA, de Almeida Neto AF, Bonome Salate AC. Perfil de lesões desportivas em atletas de futsal feminino de Marília. *ConScientiae Saúde*. 2011; 10(2). [Internet]. [2016 ago 16].
12. Queiroga MR, Ferreira AS, Pereira G, Kokubun E. Somatotipo como indicador de desempenho em atletas de futsal feminino. *Rev Bras Cineantropometria E Desempenho Hum*. 2008; 10(1): 56-61.
13. Baldaço FO, Cadó VP, Souza J, Mota CB, Lemos JC. Analysis of proprioceptive training in the balance of women's futsal athletes. *Fisioter Em Mov*. 2010; 23(2): 183-192.
14. Hillebrand MD, Grossi PK, Moraes JF. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. *Psico*. 2008; 39(4): 9.
15. Altmann H, Reis HHB. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. *Mov ESEFUFGRS*. 2013; 19(3): 211-232.
16. Santana WC de, Reis HHB. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. *Rev Bras Ciênc Mov*. 2003; 11(4): 45-50.
17. Silveira R da, Stigger MP. Laying with femininity: ethnographic study on an indoor soccer team from Porto Alegre. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2013; 35(1): 179-194.
18. Vissoci JRN, de Souza Fiordelize S, de Oliveira LP, do Nascimento Junior JRA. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. *Rev Psicol-Teor E Prática*. 2013; 15(1): 145-156.
19. Ericsson KA, Lehmann AC. Expert and exceptional performance: Evidence of maximal adaptation to task constraints. *Annu Rev Psychol*. 1996; 47(1): 273-305.
20. Stambulova N, Stephan Y, Jäphag U. Athletic retirement: A cross-national comparison of elite French and Swedish athletes. *Psychol Sport Exerc*. 2007; 8(1): 101-18.
21. Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev Bras Educ Física E Esporte*. 2005; 19(2): 143-151.
22. Sanches VC, Borim JM. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. *Rev Digit*. 2010; (149).
23. Teixeira FLS, de Oliveira Caminha I. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Mov ESEFUFGRS*. 2013; 19(1): 265-287.
24. GAYA A. Ciências do movimento humano. Introdução À Metodol Da. 2008;
25. Morettin PA, Bussab WO. Estatística Básica, 5. ed. São Paulo: Saraiva; 2004.
26. Babbie E. Métodos de pesquisas de survey. Ed. da UFMG; 1999.
27. Barreiros A, Côté J, Fonseca AM. Sobre o desenvolvimento do talento no desporto: um contributo dos modelos teóricos do desenvolvimento desportivo. *Rev Psicol Deporte [Internet]*. 2013; 22(2).
28. Côté J, *et al*. The influence of the family in the development of talent in sport. *Sport Psychol*. 1999; 13(4): 395-417.
29. Ré AHN, Meira TB. Futebol e futsal. BÖHME MTS Esporte Infantojuvenil Treinamento Longo Prazo E Talento Esportivo São Paulo: Phorte. 2011; 341-366.
30. Vasconcelos CM. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis de elites do Brasil [Monografia]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; 2011.
31. Bompa TO. Treinamento total para jovens campeões. Manole; 2002.
32. Ré AHN, Barbanti VJ. Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo. In: Silva LRR. Desempenho Esportivo Treinamento Com Crianças E Adolesc. São Paulo: Phorte; 2006.
33. Galatti LR, Paes RR. Esporte e clube sócio-esportivo : percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol. [Tese de Doutorado]. Campinas: Unicamp; 2010.
34. Thiess G, Lühnenschloss D, Wille U. La competición deportiva. G Thiess Lühnenschloss U Wille Teoría Metodol Compet Deport. 2004; 9-66.
35. Garganta J. A propósito do desenvolvimento, da identificação e da atualização do talento para treinar e jogar futebol. *Jogos Desport Form E Investig Florianópolis: Tribo Ilha*; 2013.
36. Graça A. Os contextos sociais do ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos. *Jogos Desport Form E Investig. Florianópolis: UDESC*; 2013; 79-102.
37. Santana W. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. Paes RR Balbino HF Pedagog Esporte Context E Perspect. Rio Jan Guanab Koogan; 2005; 1-24.
38. De Rose D, Korsakas P. O processo de competição e o ensino do desporto. Tani G Bento JO Petersen RD Organ Pedagog Desporto. Rio Jan Guanab Koogan; 2006; 251-61.
39. Arena SS, Böhme MTS. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Rev Bras Ciênc E Mov*.

2004; 12(4): 45-50.

40. Alfermann D, Stambulova N. Career Transitions and Career Termination. In: Tenenbaum G, Eklund RC. Handbook of Sport Psychology. John Wiley & Sons, Inc.; 2007; 712-33.

41. Santana WC, França VS, Reis HHB. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. Mot Rev Educ FísImpr. 2007; 13(3): 181-187.

42. Codina N, Pestana JV. Estudio de la relación del entorno psicosocial en la práctica deportiva de la mujer. Rev Psicol Deporte. 2012; 21(2): 243-51.

43. Papaioannou AG, Hackfort D. Routledge Companion to Sport and Exercise Psychology: Global Perspectives and Fundamental Concepts. Routledge; 2014.

44. Stambulova NB, Engström C, Franck A, Linnér L, Lindahl K. Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. Psychol Sport Exerc. 2015; 21: 4-14.

45. Ryba TV, Stambulova NB, Ronkainen NJ, Bundgaard J, Selänne H. Dual career pathways of transnational athletes. Psychol Sport Exerc. 2015; 21: 125-34.

46. Bompa T. Treinamento modelo: planejamento e programa. BOMPA Treinando Atletas Desporto Colet. São Paulo: Phorte; 2005; 153.